



ENTRE O RISCO E O PONTO: UMA ABORDAGEM SOBRE A PATRIMONIALIDADE DA RENDA IRLANDESA DE DIVINA PASTORA-SE E SUA POTENCIAL INSERÇÃO NO MERCADO DA MODA.

Elza Guimarães Andrade ¹
Universidade Federal de Sergipe
elza.gandrade@hotmail.com

As reflexões sobre Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil nos últimos anos têm assumido cada vez mais ênfase no seio intelectual. Diversas são as perspectivas de problematização do assunto, o qual se delinea através de noções que enfatizam lógicas relacionadas à transmissão e conservação de conhecimentos tradicionais, focalizando o que vem a ser chamado de bem intangível num esquema de materialização de valores.

Nesse sentido, os caminhos pelos quais tais reflexões decorrem, perpassam discussões que enfatizam noções de cultura, no caso, levadas através das noções de materialidade e subjetividade em que a mesma é tornada Patrimônio e que são motivadas a partir da preocupação em preservar heranças culturais para as futuras gerações (GONÇALVES, 2005).

É a *renda irlandesa*, produzida no município de Divina Pastora-SE, um forte exemplo de herança cultural, por ser considerada uma das principais manifestações do artesanato sergipano, que teve seu modo de fazer tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em novembro 2008.

Manuel Ferreira Filho (2006, p. 19), ao refletir sobre o Patrimônio numa perspectiva antropológica, aponta que as novas narrativas sugerem um forte apelo identitário, em que o intangível delinea-se entre a idéia de coletividade, de memória. Nesse sentido, o *fazer* a Renda Irlandesa é analisado através dos variados códigos de representação social presentes na transmissão do conhecimento, ou seja, em sua patrimonialidade.

FUNARI; PELEGRINI (2006, p. 10) reconhecem o Patrimônio Cultural como algo que se manifesta não só na produção humana, mas também no que é transformado

¹ Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Dr. Gilson Rambelli. Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe.



através das interações sociais, das mudanças de tempo e espaço, das relações com a natureza e da própria história, indicando que tais práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas servem de fomento aos principais significados que justificam a identidade do grupo.

A noção de produção artesanal que se pretende elucidar por meio deste estudo, tende a apresentar reflexões acerca das mudanças que têm ocorrido no que se refere à produção e distribuição da Renda Irlandesa e que perfazem a articulação entre técnicas tradicionais de confecção, às novas demandas do consumo. Preocupa-se também em demonstrar a importância do artesão tradicional e de seu papel de testemunho no âmbito da cultura e da memória.

Patrimonialidade da Renda Irlandesa em Divina Pastora-SE

A Renda Irlandesa é uma importante manifestação do artesanato de Sergipe. Produzida em algumas cidades do interior, mas, é na cidade de Divina Pastora, localizada a 50 km da capital, que se verifica uma maior incidência de sua produção e distribuição, constituindo um importante elemento da cultura regional, bem como fonte complementar de ganho para a população local.

A chamada Renda Irlandesa ou ponto de Irlanda, classifica-se como do tipo “renda de agulha”, executada através de cordões e fios de linha, que apresenta como suporte uma fita presa ou ligada ao debuxo ou risco com o desenho da renda sobre papel manteiga e fixado em um papel grosso (ARANTES, 1999).

A execução da renda obedece a várias fases, começando pelos riscos e terminando nos pontos. Esses, tradicionalmente envoltos em temas que remetem a seres da fauna e da flora locais, como: *espinha de peixe*, *pés de galinha*, *dente de jegue*, *boca de sapo*, *abacaxi* (DANTAS, 2001).

Sobre as origens de tal prática, Cedran (1979, p. 24) evidencia que “os mais eruditos buscam reatar laços com as antigas tradições dos ofícios europeus, vinculando-a às rendas de Milão”. Tal prática seria difundida entre as freiras na Europa e introduzida no Brasil como um dos elementos da educação feminina.



Naquele “século 19, quando a influência francesa marcou mais fortemente a sociedade brasileira, dos livros importados constavam obras destinadas a ensinar às mulheres uma grande variedade de trabalhos manuais.” (DANTAS, 2001, p. 14). Assim, nas enciclopédias francesas teriam vindo as informações de como fazer o *Ponto de Irlanda* que teria o *lacê*, amplamente produzido pela indústria inglesa, como matéria-prima principal.

Evidencia-se que, inicialmente, o tecimento da renda esteve vinculado às elites, em que a *sinhazinha* teria no bordado uma atividade necessária à sua formação de futura esposa *prendada*. E, no que concerne à transmissão do ofício no município de Divina Pastora, sabe-se que mulheres pertencentes a famílias de alto poder aquisitivo teriam repassado seu saber às mulheres pobres que freqüentavam suas casas, e essas teriam disseminado a prática entre as outras artesãs.

Seria a patrimonialidade da renda sugerida justamente nesse momento de transmissão de saberes, em que os processos de herança cultural se submetem à rendeira, protagonista da prática. No feitiço de uma peça ela transmite suas técnicas, bem como valores e signos, amadurecidos e aceitos no sistema cultural ao qual pertence e que são o resultado da interpretação de seu espaço físico e social.

Admite-se então que o *fazer a renda* traduz comportamentos e necessidades não apenas do indivíduo que produz, neste caso, a rendeira, mas do grupo social ao qual está inserido em que variadas categorias simbólicas são empregadas e interpretadas por seus membros. Nesse sentido, Ribeiro (p. 139, 1983) afirma serem tais expressões da coletividade capazes de delinear um universo de símbolos e intenções culturais inerentes ao grupo.

E a força da memória coletiva, encarnada no processo de transmissão do fazer artesanal, foi condição determinante para que a Renda Irlandesa produzida na cidade de Divina Pastora-SE tivesse seu ofício incluído no Livro de Registro dos Saberes, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se Patrimônio Cultural Imaterial, tal como é explicitado em seu texto de certificação, disponível em <http://portal.iphan.gov.br> e acessado em 30 de maio de 2011:



“(…) na síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.001501/2007-52 se encontra reunido um amplo conhecimento sobre este Saber, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 58ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 27 de novembro de 2008. Data do Registro: 28 de janeiro de 2009”.

É na fragilidade e delicadeza, inerentes ao universo feminino, que se reflete a materialidade da Renda Irlandesa. É a mulher rendeira a primeira a se encantar por seu trabalho. A beleza é o sentido maior que se busca, e essa, só é possível, se articulada à alta qualidade. Assim, cada peça é resultado de um trabalho minucioso, complexo e carregado de intenções simbólicas.

Resultado material de um saber tradicional, os processos de produção da Renda Irlandesa transcorrem em meio a novas experiências, ou seja, admitem a mutabilidade advinda dos processos dinâmicos a que os atores sociais estão sujeitos. Segundo Ortiz (1985, p. 132), “a tradição nunca é mantida integralmente”, e é o resultado do dinamismo que há entre as práticas dos atores junto às estruturas sociais, culturais e históricas.

Dessa maneira novos caminhos, no que concerne ao feito da renda, passam a ser percorridos e significativas mudanças quanto à produção e distribuição do artesanato já começam a ser sentidas. Trata-se de uma multiplicidade de idéias e ações, modificando e ampliando a noção do que é importante para o grupo.

Na moda e no código: Renda Irlandesa e novas instruções de uso

A pesquisa etnográfica, realizada para justificar as principais elucidações deste artigo, trouxeram à tona algumas das novidades que já podem ser percebidas quanto à produção do artesanato em questão. Os elementos novos são evidenciados tanto através dos pontos, quanto na criação de novas peças e artigos, cuja funcionalidade tende a ultrapassar as antigas apreensões culturais que lhe eram atribuídas enquanto peça artesanal, para então chegar a novas categorias simbólicas advindas do vestuário.



Assim, por influência em grande parte das novas possibilidades de mercado, uma produção que antes se concentrava na distribuição de peças como toalhas de mesa, panos de bandeja, passadeiras, colchas e enxovais em geral, por exemplo, passa a consentir novos artigos como bolsas, carteiras, porta celular, apliques para roupas - golas e faixas - tiaras, broches e uma infinidade de produtos alvo de customização por algum detalhe em renda.

É aí que a Renda Irlandesa assume o que vem a ser a “diversificação das funções sócio-culturais do artesanato” (CANCLINI, 1982, p. 103), em que o tradicional caráter decorativo que configura a produção artesanal une-se à diversidade advinda do vestuário, gerando novos códigos de representação social manifestados, tanto nas ações criativas relacionadas ao fazer a renda, quanto nas novas categorias simbólicas presentes na indumentária.

O ponto importante a ser considerado, no entanto, é o destaque dado a confecção de roupas, sujeitas à versatilidade do fenômeno da moda, o qual, sob o olhar de Lipovetski: “trata-se de uma noção moderna, que remete ao término da Idade Média e à sistematicidade das novas produções industriais, capazes de modificar-se rapidamente e em longa escala” (1997, p. 265).

O autor sustenta ainda que os movimentos inconstantes da moda têm ligação com o prazer de ver e de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro e encontram seu lugar e sua verdade última na existência das rivalidades de classes. Tendo se tornado uma forma de legitimidade social, identifica, rotula, exclui e insere o indivíduo no contexto social. Sendo assim, “a moda (...) é uma lógica social, (...) é essencialmente uma forma de relação entre os seres humanos” (LIPOVETSKI, 1997, p. 265).

Tomando além das tendências filosóficas lipovetskianas e adentrando também em noções semiológicas de Roland Barthes, chega-se muito perto de tomar por categoria analítica o paradigma da auto-representação, “(...) brincando-se com o vestuário, o próprio vestuário pega contato com a pessoa, denota uma personalidade suficientemente rica para mudar frequentemente de papel. Em última análise, transformando-se o vestuário, transforma-se a alma. (BARTHES, 1979, p. 208).



Esta análise semiótica da moda deve ser entendida como uma ação articulada entre lógica, signo, objeto e interpretante, que promove o processo de interpretação sígnica. Tem a ver com os processos de comunicação gerados a partir dos objetos, os quais têm seus símbolos interpretados, e os símbolos devem estar presentes para que possam ser interpretados (SANTAELLA; NÖTH, 2004).

Dessa maneira, a análise do alcance psicológico que uma peça vestimentária confeccionada e/ou customizada nos moldes da Renda Irlandesa pode vir a provocar, responde a padrões culturais de beleza presentes tanto na dinâmica interna do indivíduo, quanto na realidade social a qual pertence.

Percebe-se que a Renda Irlandesa assume novas categorias de comunicação, relacionadas ao vestuário, sem deixar de lado as extensões simbólicas inerentes à sua condição de Patrimônio Cultural Imaterial. Tais extensões complementam e compartilham com os mecanismos lógicos pelos quais as roupas perfazem os signos que, ao serem interpretados, demonstram não somente a lógica do indivíduo em si, mas também a sua lógica em sociedade.

Quanto às novas instruções de uso, a Renda Irlandesa começa a se preparar para nutrir as principais demandas solicitadas por um mercado consumidor que tende a crescer com o passar dos anos. A alta qualidade e forte apelo estético, expressados em sua materialidade, sugerem novas possibilidades de criação e distribuição, assumindo conotações capazes de atender às necessidades econômicas de tal mercado.

Porém, não se pretende aqui negar a incidência de peças de vestuário anteriormente em tal produção, às quais sempre estiveram presentes, mas sim destacar como estas têm se ampliado e diversificado nos últimos anos, influenciadas pelo potencial mercado da moda.

Entre o tradicional e o efêmero: o intangível consumido

Da imaterialidade vinculada ao fazer a renda, a cultura material produzida, ou seja, o artefato, participa de práticas simbólicas desde sua concepção e vai sendo recontextualizado durante os processos relacionais presentes nas trocas, bem como em seu uso. Dessa maneira, a Renda Irlandesa, resultado material de um processo de



herança cultural, apresenta o trabalho de mulheres que mantêm o esforço constante em desenvolver uma prática da qual sentem orgulho e prazer em realizar, porém que nem sempre lhes atribui resultado econômico imediato.

Desde a década de 70 do século passado, a renda confeccionada em Divina Pastora passou a ser difundida com maior destaque em feiras de artesanato de outros estados do país, chegando a ser conhecida também no exterior. Porém, segundo o discurso nativo, é somente a partir dos anos 2000 que se inicia um processo de ampliação da produção de peças que deveriam também atender aos ditames do mercado.

Na esfera de sua produção, a Renda, vinculada ao mercado da moda, corrobora com as necessidades de consumo na medida em que se propõe a executar peças que atendam a tais necessidades, no caso, as do uso. Diante disso, vê-se o consumo não apenas enquanto um ato sistemático e racional de troca de objetos, mas sim como “um fenômeno que atravessa 100% a vida social, o sistema econômico e os códigos culturais” (LEITÃO; LIMA; MACHADO, 2006, p. 12).

Assim, não se trata de considerar a apropriação capitalista do artesanato como sendo capaz de provocar interferências desastrosas nos modos de fazer a renda, mas sim de elucidar a respeito de algumas modificações que tal apropriação tem sido capaz de gerar. Pontos foram criados e adequados para o consumo externo e a experiência etnográfica demonstrou que até mesmo estilistas já estão sendo contratados para aconselhar quanto às demandas do mercado de moda.

Neste contexto da imposição do mercado de consumo, poderia ela tornar-se uma espécie de apêndice do modelo capitalista de produção? E a capacidade criativa das rendeiras, estaria sujeita aos ditames do mercado? Inquiridas sobre isso, as rendeiras garantem não haver riscos de comprometimento daquilo que chamam de *essência* de sua arte, caracterizada pela beleza e alta qualidade.

Aliás, concebem as novidades como algo completamente aceitável e mesmo necessário. “É necessário mudar, não se pode continuar igual”, comenta a senhora Elizabete Raimundo, rendeira e presidente da Associação de Rendeiras de Divina Pastora. Salienta também para a liberdade criativa que toda rendeira tem em criar novos temas e que as necessidades advindas do consumo têm influenciado.



Convém mencionar que tais mudanças, configuram-se no acréscimo de novos pontos e peças, não impedindo que peças tradicionais sejam confeccionadas. Há sim um destaque para peças de vestuário, as quais acompanham de forma mais acentuada o movimento do mercado consumidor. E não se quer negar aqui a incidência da confecção de roupas desde períodos anteriores aos anos 2000, mas sim destacar o dinamismo que as novas possibilidades de criação e distribuição têm demonstrado nos últimos anos.

Assim, se antes se produziam saias, blusas e vestidos, estes apenas constituíam pequena parte da produção e ficavam em segundo plano nas vendas. Agora, porém, tais peças surgem como grandes possibilidades de lucro na medida em que se propõem a atender o que está na moda, constituindo objeto de desejo para o público consumidor.

Ainda deve ser levado em consideração que a aquisição de um exemplar totalmente confeccionado nos moldes de tal Renda, por esta apresentar altos custos em relação ao mercado, exige daquele que compra um alto poder aquisitivo. Vê-se que tais ações fomentam categorias de diferenciação social, instigando ainda mais sua aquisição. Sobre isso, aponta Canclini (1982, p. 103): “a estilização e a procura por originalidade, permite ao comprador, dotado de alto poder aquisitivo, diferenciar-se do consumidor vulgar”.

Em relação aos preços dos artigos, tradicionalmente altos, as rendeiras justificam que são adequados ao expressivo custo dos materiais envolvidos, notadamente o lacê - principal matéria-prima-, bem como ao tempo e a minúcia necessária à confecção das peças. Porém, reclamam do fato de serem ínfimos os lucros conseguidos através de seu trabalho e que tal atividade não é capaz de lhes fomentar sustento “Se a renda enriquecesse, todo mundo em Divina Pastora estaria rico”, comenta Elizabete Raimundo dos Santos.

O discurso nativo é unânime quanto a isso. Todas as entrevistadas indicam as várias dificuldades vivenciadas para manter um ofício que ainda está longe de lhes dar sustento: “Na perspectiva das rendeiras, acostumadas aos ciclos de ascensão e queda na procura da renda, o ideal é mesmo ter um emprego que assegure ganho certo, ainda que pequeno, e ter a renda como atividade complementar” (DANTAS, 2001, p. 18).

Em meio às dificuldades, as rendeiras referem que por vezes acontece a desistência na produção artesanal por parte de suas companheiras, bem como também é perceptível certo desinteresse das novas gerações em aprender o saber. Sobre isso,



Elaine Batista dos Santos, estudante e rendeira, comenta que “Não é difícil aprender a renda, porém é minuciosa”, destacando que o aprendizado exige dedicação e paciência, virtudes nem sempre inerentes às jovens nos tempos de hoje.

No entanto, há que se mencionar que a maioria das motivações das rendeiras vai muito além das necessidades econômicas, dando elas especial destaque ao prazer de realizar uma prática que lhes causa verdadeiro orgulho e que faz parte de seu universo cultural desde crianças.

Além disso, tendo em vista que a maioria das peças são confeccionadas de forma coletiva, tecer também promove momentos de socialização entre as mulheres da pequena cidade “trabalhando, isoladamente ou em grupos, às sombras das árvores na praça enquanto observam o vai-e-vem das pessoas que transitam pela cidade e mantêm animadas conversas com as companheiras” (DANTAS, 2001, p. 20).

Com isso, novos significados são instaurados, onde a profundidade do passado de um saber que constitui a identidade de um povo, neste caso da cidade de Divina Pastora, une-se ao discurso moderno do mercado de consumo adquirindo novas categorias culturais e adequando-se a elas, mas sem perder aquilo que é tido como o que as rendeiras chamam de “essência” de sua arte.

A atuação da ASDEREN e a delimitação de novas alternativas para a produção e distribuição da Renda Irlandesa de Divina Pastora-SE

A Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, ASDEREN foi fundada em 2000 com o intuito de garantir à Renda Irlandesa de Divina Pastora melhores condições de produção e comercialização. Atualmente conta com mais de 100 integrantes e conta com alguns parceiros como o SEBRAE, por meio do Programa Artesanato Solidário, IPHAN, Governo do Estado e Prefeitura de Divina Pastora.

Suas ações têm gerado grandes possibilidades tanto no âmbito econômico, quanto no que se refere à salvaguarda do modo de fazer tombado como Patrimônio Cultural Imaterial. Através das parcerias que realiza, tem conseguido levar à frente



projetos que incluem a capacitação e divulgação das peças em outros estados do país e até mesmo no exterior.

Quanto à matéria-prima, a qual se configura em pesados custos à rendeira, a Associação fomenta as principais despesas num momento inicial para descontar tais valores apenas após a venda. E quando o trabalho é executado coletivamente em razão do tamanho das peças, após a venda de tal artigo, é a associação que repassa os valores as rendeiras, os quais teriam sido previamente combinados. Assim, todo o poder de comercialização da renda fica sujeito à ASDEREN.

Dos cursos de capacitação que são oferecidos no espaço, design e corte e costura destacam-se e são determinantes nas escolhas das prioridades de produção e distribuição de peças de vestuário e/ou adornos compatíveis com as tendências de moda do período. A senhora Elizabeth Raimundo dos Santos, presidente da ASDEREN, explica que o trabalho está dividido entre mulheres que tecem a renda e as que determinam a peça de vestuário que será realizada.

Menciona ainda o aumento da produção de roupas desde 2009, provavelmente em razão do reconhecimento de sua patrimonialidade, e por isso maior divulgação, as quais geraram parcerias públicas e privadas junto à produção. Consideram a Petrobrás uma das grandes parceiras atualmente, a qual tem patrocinado o projeto intitulado *Projeto Escola e Oficina de Moda, Criação, Capacitação e Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora*.

A duração de tal projeto se dará em um ano, tendo tido início em junho de 2010 e assume uma ajuda financeira no valor de R\$ 152.000,00, distribuído em parcelas e que tem sido utilizado na reforma do centro, aquisição de vitrines e novas máquinas de costura, bem como na promoção de cursos de capacitação. Tais iniciativas tendem a gerar novas possibilidades de emprego e sustentabilidade.

Há que se dizer também que é a Associação, além de constituir um espaço de aprendizado para as mulheres de Divina Pastora, também fomenta possibilidades de sociabilidade onde as rendeiras trocam experiências, criam e aperfeiçoam pontos. Tudo isso levando-se em consideração que muitas peças são confeccionadas coletivamente.



Assim, cada vez mais o saber tradicional vai sendo valorizado e os laços tradicionais que unem as mulheres rendeiras vão se fortalecendo a fim de manter viva uma tradição carregada de significados e importância, simbólica e material, que constituem a própria identidade de um povo.

Considerações Finais

Nesta investigação, que está em andamento para a concretização de uma dissertação de mestrado, foi possível apresentar até o momento os principais resultados alcançados; tais resultados admitem a necessidade de se explorar de forma ainda mais aprofundada as categorias analíticas esboçadas neste artigo. Da imaterialidade da Renda Irlandesa, produzida em Divina Pastora-SE, surgiram as primeiras vias de exploração, encaminhadas em meio a diálogos entre o Patrimônio Cultural Imaterial, numa perspectiva antropológica, diante de uma sociologia e semiologia da Moda e aproximando-se timidamente daquilo que Mary Douglas (2006) chamou de Antropologia do Consumo.

A Antropologia, em seu interesse pela noção de cultura, tratou de apreender os princípios fundantes que iriam nortear as noções de dinamismo e ressignificação assumidas por ela no momento em que implica a idéia de conjunto. Sendo assim, o reexame dos papéis simbólicos assumidos pela imaterialidade do artesanato em questão, partindo da abordagem sugerida, trouxe à tona a necessidade de análise de novas categorias analíticas.

O que estamos presenciando, portanto, é que a renda passa a sustentar maiores possibilidades de produção quanto às Modas de vestir, e isso sem deixar de lado o tradicional feitiço de peças destinadas a enfeitar objetos, tais como toalhas de mesa, panos de bandeja, passadeiras, colchas e enxovais em geral. Nesse processo ocorre a junção entre saberes tradicionais, resgatando sua valorização, com a renovação constante de tendências influenciadas pelas necessidades de um mercado consumidor em potencial crescimento.

Embora tal atividade ainda não seja capaz de fomentar sustento às famílias daquelas que protagonizam a prática, novas oportunidades de trabalho já podem ser



mensuradas em meio às necessidades do mercado da Moda. A pesquisa de campo realizada, demonstrou que as parcerias com aquelas denominadas pelas rendeiras de *modistas*, têm revelado novas e grandes possibilidades de elaboração junto às peças, às quais, segundo as entrevistadas, por serem resultado de processos manuais, agregam ainda mais beleza e originalidade.

A moda, por ser efêmera, tende a atender aos ditames do novo, do exclusivo e, por essa determinante razão, acaba constituindo um segmento promissor a ser levado em consideração por quem produz e distribui a renda. Em tal processo, tal como garante a fala nativa, a memória coletiva não será deixada de lado e a Renda Irlandesa não há de perder sua “essência”. Porém, seguramente, terá alguns de seus elementos constantemente ressignificados, os quais são o resultado de processos dinâmicos inerentes às culturas, que por permanecerem vivas, de alguma forma instigam sua própria preservação.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antônio Augusto. **Projeto: As rendeiras de Divina Pastora: resgate de identidade e contribuição para a geração de renda.** Brasília, 1999.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda.** São Paulo: Nacional, 1979.

_____. **Inéditos: imagem e moda.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____; BOUDON, Pierre; LIER, Henri Van; WAHL, Eberhard; MOLES, Abraham Antoine. **Semiologia dos objetos.** Petrópolis RJ: Vozes, 1972.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna.** São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio Histórico e Cultural.** 3. Ed. São Paulo: Aleph, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CEDRAN, Lourdes (coord.). **Divina Pastora: renda irlandesa e redendê**. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979.

DANTAS, Beatriz Góis. **Renda de Divina Pastora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2001.

DOUGLAS, Mary (Trad. Plínio Dentzien). **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da UFRJ, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as Culturas Como Patrimônios**. In: **Horizontes Antropológicos / UFRS. IFCH**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 10, n 22 (2004). Porto Alegre: PPGAS, 2004. p. 15-37.

LEITÃO, Débora Krischke; LIMA, Diana Nogueira de Oliveira; MACHADO, Rosana Pinheiro (Org.). **Antropologia e consumo: diálogos entre Brasil e Argentina**. Porto Alegre, RS: AGE, 2006.

LIMA FILHO, Manuel. **Cidades Patrimoniais e Identidades Nacionais: questões antropológicas na perspectiva comparativa entre o Brasil e os Estados Unidos**. In: LIMA FILHO, Manuel & BEZERRA, Márcia. **Os Caminhos do Patrimônio no Brasil**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2006. p. 17-42.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Cortez, 1985.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RIBEIRO, Berta G. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea: the traditional artisan and his role in contemporary society.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

SAHLINS, Marshall David. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2003.

SANTAELLA, L. e NÖTH W. 2004. **Comunicação e Semiótica.** São Paulo, Hacker Editores.

Referências Eletrônicas

BRASIL. Serviço Público Federal. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Certidão: o modo de fazer Renda Irlandesa produzida em Divina Pastora (SE). Brasília, 2009.** Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br> >, acesso em 30 de maio de 2011.

MIRANDA, Ana Paula Celso de; GARCIA, Maria Carolina. **Influenciadores e hábitos de mídia no comportamento do consumo de moda.** Disponível em < www.recmoda.com.br/bazar/008.html >, acesso em julho de 2010.